

A constituição do espaço urbano no sul de Santa Catarina através das vilas operárias do setor carbonífero na primeira metade do século XX: Habitação, controle e modos de vida.

Antonio Luiz Miranda¹

A categoria de trabalhadores mineiros de carvão do sul de Santa Catarina, formada a partir das primeiras décadas do século XX, é considerada a mais organizada entre todas. As experiências de lutas, como greves, paralisações, formação sindical, lhes confere a condição de ter desenvolvido um grau de identidade e consciência que os torna referência para as demais categorias de trabalhadores. Um dos fatores que pode ser considerado na formação da identidade desse grupo de trabalhadores são as vilas operárias criadas pela empresas mineradoras no início do processo de mineração.

A existência de vilas operárias na região de mineração de carvão de Santa Catarina data da segunda década do século XX, com a chegada de empresas mineradoras de grande porte. A origem das vilas são de meados do século XIX na Europa, modelos propostos pelos reformadores sociais tais como Owen e Bentham na Inglaterra, e Fourier na França. Tais modelos foram trazidos para o Brasil pelos complexos industriais que aqui foram se instalando entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Conforme Mônica Peixoto Vianna (2004, p.5): “Esses modelos foram seguidos posteriormente no Brasil. Tais realizações contribuíram para a manutenção das relações paternalistas entre patrões e empregados e para o barateamento da força de trabalho.” No Brasil, no final do século XIX, esses modelos de vilas operárias foram se implantando na Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo.

Em São Paulo, Jorge Street foi o precursor na construção deste modelo habitacional com a vila operária Maria Zélia, no bairro Belenzinho (Idem, p. 18). Street fora influenciado pelas concepções paternalistas burguesas sobremaneira influenciado pelas idéias do notório empresário inglês Titus Salt, que foi um dos pioneiros a colocar esse ideal em prática com a vila operária de Saltaire. Conforme Vianna:

A vila de Saltaire foi construída entre 1851 e 1872, distante três milhas do centro da cidade de Bradford na Inglaterra[...] Com 2,59 Km², possuía além de 820 casas, escolas, igrejas, hospitais, banhos públicos, clube e um amplo parque público. Exemplo de cidade pós-liberal, sua concepção foi influenciada pelas idéias dos novos conservadores ingleses e pelos reformadores e socialistas utópicos do começo do século XIX, como Robert Owen. Titus Salt era um industrial famoso e respeitado em Bradford pelas suas ações filantrópicas [...] depois que suas idéias sociais

¹ Doutorando em História e professor da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

encontraram expressão física na fábrica, nas casas, nos edifícios públicos de sua vila modelo, ele foi ainda mais aclamado. A fábrica era uma maravilha para época [...] os arquitetos que a projetaram foram Henry Lockwood e Willian Mawson, responsáveis pelo desenho da maior parte da vila de Saltaire, e inclusive, de vários edifícios públicos e indústrias [...] O aluguel não era maior do que o cobrado em Bradford, sendo as vezes menor. As casas tinham, no mínimo, dois quartos, sala, cozinha, sanitário, e quintais com acesso para vias sanitárias, sendo todas abastecidas por água e gás, e as maiores possuíam jardim. (Idem, p. 13-14).

Tal paradigma será perceptível nas instalações operárias construídas pelas empresas mineradoras do sul catarinense, que terá na sua composição traços similares aos percebidos no modelo de vila europeu, semelhante à vila de Saltaire, que também inspirou a construção da vila operária Maria Zélia, pelo empresário Street. No sul de Santa Catarina, a exploração de carvão mineral já ocorria no século XIX, mas, foi a partir da Primeira Guerra (1914-1918) que se implantou na região um processo produtivo industrializado de extração de carvão e iniciou-se o processo de difusão das vilas operárias.

Segundo Carlos Renato Carola, (2002): as primeiras mineradoras da região foram a Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá S.A. em 1917; Companhia Carbonífera Urussanga S.A. em 1918; Companhia Carbonífera Próspera S.A em 1921; Companhia Carbonífera Ítalo-Brasileira Ltda também em 1921; e a Companhia Nacional Mineração Barro Branco S.A em 1922.

O médico Francisco de Paula Boa Nova Jr. (1953, p.46) afirma que: “Conta o município de Criciúma com cerca de 14 companhias que exploram a indústria extrativa do carvão, citando-se entre as maiores a Cia. Brasileira Carbonífera de Araranguá (C. B. C. A.), a Sociedade Carbonífera Próspera S.A. e a Cia. Carbonífera Metropolitana.” Não é possível afirmar se todas as carboníferas que se instalaram na região sul de Santa Catarina na primeira metade do século XX possuíam vilas operárias, mas consta nos registros que essas três empresas citadas acima as vilas faziam parte de seu complexo produtivo.

Na primeira metade do século XX, quando essas empresas carboníferas se instalaram na região sul catarinense, se depararam com uma região rural, com grande parte das terras ocupadas por imigrantes e descendentes desses, principalmente italianos, que haviam colonizado a região no final do século XIX e praticavam agricultura de subsistência². Isto indica que não havia uma força de trabalho preparada para o trabalho industrial.

² Alguns indícios indicam a possibilidade de uma forte conexão entre o processo de colonização européia na região, patrocinada por empresas colonizadoras e a intenção de se explorar o carvão mineral. O trabalho do padre João Dal’Alba mostra certa intencionalidade das empresas colonizadoras em organizar uma produção agrícola local para abastecer o setor da mineração.

É possível afirmar que as empresas carboníferas ao criarem as vilas operárias junto ao complexo produtivo de extração de carvão se deram para atrair e assegurar a força de trabalho, que se encontrava espalhada pela região. Tratava-se de pequenos proprietários, que praticavam uma agricultura de subsistência ou, para os que viviam mais próximo ao litoral, praticavam agricultura e pesca, mas também no nível da subsistência.

Blay (1985), que estuda a questão de São Paulo, fala do fenômeno de transferência rural-urbana do colono do café para as indústrias. Na região sul catarinense, algo semelhante também ocorreu com a chegada das indústrias carboníferas. Isso é visível no trabalho do médico Boa Nova quando ele afirma:

No início desse trabalho, descrevemos a situação grave que o incremento da indústria extrativa do carvão trouxe a toda a população da região de Criciúma, com o abandono das lavouras e das criações pelos colonos que, atraídos por melhores salários, por horários fixos de trabalho e pelos benefícios sociais outorgados aos trabalhadores industriais pelas instituições de previdência, como aposentadoria, seguro, salário-enfermidade, pensão, etc., se transformavam, da noite para o dia, de lavradores e criadores, em mineiros. (Boa Nova, 1953, p.99)

Percebe-se um forte processo de ruptura no modo de vida de uma parte da população da região. A força de trabalho não estava acostumada ao ritmo industrial, ao relógio, neste sentido a vila operária, daria a empresa um maior controle sobre o operariado. Eva Alterman Blay (1985), assim como Mônica Peixoto Vianna (2004), falam dessa questão de poder e controle que as empresas haviam sobre os empregados que só aumentava com a vila, pois além do emprego, a moradia estava em jogo. Para Blay (1985, p.53), a vila operária aparece “como um fator de intermediação das relações de produção”.

Para além da relação de mercado entre capital e trabalho, estabelecia-se nas vilas um certo nível de relação paternalista. Através das entrevistas analisadas, com base na pesquisa oral, é possível perceber como a questão paternalista estava presente no cotidiano das vilas operárias, na relação dos funcionários e de suas famílias com os patrões. Henrique Lage é um exemplo dessa visão paternalista. Na entrevista realizada pelo *Projeto Memória e Cultura do Carvão*, com Elisa Pacheco, antiga moradora de uma vila operária, ao falar de Henrique Lage, seu patrão, a mesma afirma que:

Há, só que ele vinha aqui sempre visitar as Minerações, e pegava tudo as criançada da minha idade, que eu tinha uns nove, dez anos dava dinheiro, espalhava dinheiro, pra turma; e a criançada aquilo ali fervia de criança atrás dele entende. (...) E o Henrique Lage era o dono da Barro Branco, Henrique Lage ele vinha sempre aí, ele tinha tudo os empregados, os engenheiros tudo. Mas vinha todo mês no Barro Branco, o Henrique Lage, foi o dono da mineração, tudo aí ó. E ele chegava aí, você podia chegar pra ele, se eu chegasse pra ele pra contar que estava um pouco

apertada, precisava de um dinheiro ele não perguntava quanto você queria, ele batia a mão no bolso e dava era pilha de dinheiro.³

A casa, o direito a moradia, era um fator importante para se estabelecer as relações paternalistas. Segundo os relatos dos entrevistados, o aluguel era por um preço “simbólico”. Assim como Blay (1985) se refere a questão das visões dos operários de São Paulo a respeito das casas das vilas operárias das empresas, em que alguns “consideram a moradia na vila como uma alternativa pela qual estão indiretamente pagando”, e outros que “atribuem a empresa e aos patrões qualidades pessoais, reconhecendo na vila uma forma de favor, de humildade, de bondade patronal” (Blay, 1985, p.188), o mesmo se observa nas entrevistas dos trabalhadores do setor carbonífero da região sul catarinense. Um entrevistado para essa pesquisa, o senhor Alcebíades Ilario Custódio, que morou na vila operária da Próspera, ele fala a respeito do aluguel que: “*pagava, pagava um pouquinho. Era uma mixaria. Ai pagava a energia né, a água nós não pagava.*”⁴

Na revista *Mineração e Metalurgia* (setembro – outubro, 1936), encontramos dados de duas vilas operárias da Companhia Nacional de Mineração Barro Branco, a vila de Lauro Muller, e a vila de Barro Branco. Conforme a revista:

Em Lauro Muller compõe-se de 54 casas, sendo 27 grupos de duas casas de madeira e algumas outras esparsas. Cada casa compõe-se de 5 peças: uma sala de estar, 2 ou tres quartos, uma cosinha e uma instalação sanitária (fossa). O aluguel cobrado é de 25\$000 mensaes.

A Villa de Barro Branco compõe-se de 25 casas de madeira, cercada cada uma de um pequeno terreno para plantar.

Cada casa tem tres peças e o aluguel mensal é de 15\$000. Existem tambem algumas casas maiores cujo o aluguel varia de 30 a 50\$000 mensaes, e algumas casas particulares mandadas construir pelos proprios mineiros por um empreiteiro local que cobra 400\$000 por cada casa de madeira com tres peças.⁵

A mesma revista fala que o serviço médico da CNMCBB era composto de “(...) um médico e um enfermeiro; um pequeno consultório e uma saleta para os curativos urgentes.” E ainda: “Em caso grave é o paciente transportado para o Hospital de Tubarão que dista 60 Kilometros de Lauro Muller.” E mais: “Existe também uma modesta pharmacia e um pharmaceutico”. Este texto ainda nos evidencia sobre existência de duas escolas públicas, a de Lauro Müller com 150 alunos, e a de Barro Branco com 80 alunos, com um total de 230 alunos matriculados.

³ Elisa Pacheco, 81 anos. Entrevista realizada em 06 de setembro de 2000.

⁴ Alcebíades Ilario Custódio, 73 anos. Entrevista realizada em 22 de janeiro de 2008.

⁵ MINERAÇÃO E METALURGIA. *Situação actual da indústria carbonífera do Sul de Santa Catarina*, por Marcello Taylor Carneiro de Mendonça. Setembro-outubro, 1936.

No livro *Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina*, Lucy Cristina Ostetto, Marli de Oliveira Costa e Roseli Bernardo afirmam que:

O grupo Lage e Irmãos eram mineradores que exploraram carvão em Lauro Müller e Criciúma, então, podemos perceber que em Lauro Muller, em 1917, já havia uma vila operária no modelo capitalista vivenciado na Europa. Modelo que mostra como tudo na “vila operária” pertencia a Companhia Mineradora: casas, farmácia, açougue, armazém. (Filho, 2004, p.105)

Conforme Carola: “Nas principais vilas operárias, praticamente tudo pertencia aos donos das minas: os terrenos, as casas, os clubes de festas e dança, os clubes de futebol, o armazém e a escola.” (Carola, 2002, p.96)

Ainda na revista *Mineração e Metalurgia* (novembro-dezembro, 1936) encontramos dados genéricos das vilas da Companhia Carbonífera de Urussanga. Consoante a revista:

Na Estalação do Rio Deserto estão localizadas as seguintes instalações; a usina, os lavadores de carvão, o embarcador, o escriptorio central, as officinas mecanicas, um pequeno laboratório, uma vila operária, uma escola publica, um almoxarifado, uma serraria, etc.⁶

Neste mesmo documento não foi encontrado dados mais específico a respeito dessa vila, apenas afirmando que existe “uma vila operária” e falando que existe “uma escola publica”. Mas a respeito da vila do Rio América, este documento afirma que: “A vila operária tem actualmente 100 casas de madeira. Cada casa compõe-se de: 1 sala de estar, 2 quartos e 1 cosinha.” E fala que : “Existem ainda: 1 pharmacia de emergencia, 1 escola publica, cuja professora é nomeada pelo Estado e 1 almoxarifado.”

No *Relatório da Diretoria*, Boletim nº29 do Ministério da Agricultura, de 1936, mesmo ano da publicação da matéria acima citados pela revista *Mineração e Metalurgia*, todos os dados citados pela revista a respeito de tais vilas se comprovam, e ainda, o documento trás mais informações a respeito de uma vila operária da Companhia Carbonífera de Araranguá, dizendo que:

A villa operária compõe-se de 40 casas de madeira. Cada casa compõe-se de uma sala de estar, 2 quartos e uma cozinha. As instalações sanitárias fazem os seus despejos em fossas, a cada casa correspondendo uma fossa.⁷

⁶ MINERAÇÃO E METALURGIA. *Situação actual da indústria carbonífera do Sula da Santa Catarina: Município de Urussanga*, por Marcello Taylor Carneiro de Mendonça. Novembro-dezembro, 1936.

⁷ BRASIL. Ministério da Agricultura. Relatório da Diretoria. Avelino Ignácio de Oliveira/ Boletim nº29, 1936.

O respectivo documento não fala a respeito de escola, ou comércio, apresentando apenas os dados citados acima, mas ainda cita que: “O estado sanitário não é dos melhores. No município de Cresciuma grassam o impaludismo, a verminose e o typho.”⁸

No relatório do médico Boa Nova (1953) encontra-se a preocupação do médico com essas e outras doenças que assolavam o cotidiano dos mineiros, devido a falta de estrutura, de higiene e da ignorância das pessoas segundo o médico. Boa Nova ficou assustado quando chegou à região em 1944 com o alto índice de mortalidade infantil, dizendo que muitas crianças morriam de fome, desnutridas, “principalmente pelo descaso de seus próprios pais” (Boa Nova, 1953, p.22), das mães que pensavam que seus leites eram fracos, e trocavam a amamentação pelo pirão de farinha de mandioca, feito de águas impuras. Boa Nova também afirma que os preços dos produtos tais como o leite em pó, vendidos nos armazéns e farmácias de Criciúma eram “um verdadeiro assalto à bolsa do povo” (Boa Nova, 1953, p.23). Nas palavras de Boa Nova (1953, p.23): “Não exageraremos se afirmamos que o índice de mortalidade infantil, em Criciúma, até o ano de 1945, era de cerca de 200 óbitos por 1.000 crianças de 0 a 1 ano de idade.” Ainda citando Boa Nova, este diz que:

Pode-se afirmar sem exagero que a quase totalidade da população residente nas vilas operárias das companhias carboníferas é portadoras de vermes, pois num rápido inquérito por nós feito na maioria das residências dos mineiros, não encontramos uma pessoa sequer que nos afirmasse nunca haver eliminado vermes intestinais. (Boa Nova, 1953, p.20)

É possível observar também nas entrevistas a despeito do caso da mortalidade infantil, como na entrevista de dona Otilia Citadin do *Projeto Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina*, na frase em que ela fala: “Morria muita criança meu Deus do Céu, era uma piedade.”⁹ E na entrevista de dona Lindoca também do *Projeto Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina*, quando ela diz: “(...) Nos ia de pé, tinha dia que eu, nos levava um e quando chegava de tarde já tinha morrido outro, aí a gente no outro dia já tinha que volta. Tinha dia que morria dois por dia era um trabalho.”¹⁰ Dona Lindoca diz que os enterros das crianças eram realizados pelas próprias crianças, que se encarregavam de enterrar a criança morta. Nota-se então através das entrevistas, do relatório do médico Boa Nova (1953), e de Carlos Renato Carola (2002) que também aborda o tema em seu livro, que os enterros infantis eram comuns no cotidiano das vilas operárias mineiras da região.

⁸ Idem.

⁹ Otilia Citadin, 89 anos. Entrevista realizada em 24 de outubro de 2000.

¹⁰ Lindoca, 91 anos. Entrevista realizada em 31 de novembro de 2000.

No relatório do médico Boa Nova (1953), é possível identificar a existência de mais algumas vilas operárias, no qual o médico fala muito genericamente ao pedir que deveria haver uma maior estrutura para atender a população mineira na área da saúde. Num recorte de seu escrito:

(...) Instalação de, pelo menos, mais dois pontos de puericultura, um na vila operária da Sociedade Carbonífera Próspera S.A., e outro no distrito de Rio Maina, a fim de atender este último à população infantil das vilas operárias das companhias Metropolitana, Catarinense, S. Marcos, União, Rio Maina, etc. (Boa Nova, 1953, p.27)

Destaca-se também, no trabalho de Boa Nova (1953, p.27), a existência de uma “vila operária denominada Mina do Mato”, pertencente a C.B.C.A. No mesmo relatório de Boa Nova (1953), é possível perceber a precariedade da saúde que Criciúma vivenciava, da precariedade da saúde nas vilas operárias. Veja o que diz Boa Nova em um parágrafo de seu relatório:

Em princípios de 1947, quando do recrudescimento do surto de tifo que assolava a cidade todos os anos, um mineiro tifoso teve recusada sua internação no hospital, por falta de vaga no isolamento. Voltou da porta do hospital para continuar o tratamento em seu próprio domicílio, situado na vila operária de Mina do Arquimedes, (C. B. C. A.). Dias após, verificaram-se 3 novos casos de tifo em pessoas de uma mesma família, vizinha do citado doente; e destes 3 novos casos, um foi fatal na pessoa de uma pobre mocinha de 18 anos de idade. (Boa Nova, 1953, 33)

No artigo intitulado *A atuação da Companhia Nacional de Mineração do Carvão Barro Branco em Santa Catarina: cotidiano, degradação, miséria e dominação*, encontramos a afirmação de que: “Algumas das vilas operárias construídas pela empresa foram: Barro Branco velho e novo, Itanema, Lauro Müller (vila no centro da cidade) e Guatá (...)”¹¹. O mesmo artigo, fala a respeito da estrutura da vila de Guatá, dizendo que:

(...) a vila de Guatá possuía casas de moradia para habitação dos operários (com aluguéis simbólicos, mas que deveriam ser pagos), escolas, casas comerciais, igreja, clube de esportes, banda de música, teatro, cinema, clube de baile, farmácia e etc¹².

Na década de 1940, então, o grande exemplo de uma infra-estrutura, foi a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), localizada em Siderópolis. Segundo Carola (Idem, p.112-113):

¹¹ MORAES, Marcos. *A atuação da Companhia Nacional de Mineração do Carvão Barro Branco em Santa Catarina: cotidiano, degradação, miséria e dominação*. Mimi. 2008.

¹² Idem.

“Além das casas, havia armazém, açougue, clube recreativo, escola, posto de saúde, restaurante, hospedagem para ‘doutores’, engenheiros e autoridades governamentais, etc.”

Nas entrevistas analisadas, muitas pessoas falaram a respeito de clubes esportivos (futebol) e salões de baile, no que diz respeito à parte recreativa. O senhor Alcebíades Ilario Custódio, que residiu na vila operária da Próspera, afirmou que: “*sobre, negócio de, salão de baile, assim que pa se divertimento né, tinha os alemão (...). Depois do clube dos alemão tinha o tal de Munheca, lá duro poco, era bem divertido também(...)*¹³”. E a respeito da vila operária da Próspera, veja o que diz Custódio sobre sua lembrança da vila:

A, morei, morei muito tempo. Morei até a data que sai, por que daí de uma coisa passo pra outra, passo da casinha velha, aquelas casinha ruinzinha, que não tinha forro, não tinha caxinha não tinha, a porta da cozinha, era cortada ao meio, fazia meia porta, pa, pos filho pas criança não cai, tinha que fecha em baixo da casa, quando a casa era alta, pos cabrito vira baixo da casa, não deixavam os minero durmi (risada). Ai é o seguinte, a gente tinha que te a noção do horário que apitava a buzina, pa i pega no serviço, (...) E um chamava o outro, (...) um vizinho gritava com o outro: vamo companhero, vamo (...) Então a gente, foi a onde, fui levando a vida né (...)¹⁴

Francisco Vidal, trabalhou na carbonífera Mineração Geral do Brasil, e residiu na vila operária da empresa que primeiro se localizou na Rua da Palha, e depois na Mineração, em Içara. Vidal fala da sede do Barão, clube esportivo da empresa, em que ele era sócio. Segundo os relatos, havia separação das casas dos operários e dos administradores, falando da mesma vila acima citada, e da questão do controle, pois segundo Vidal:

Os empregado, os encarregado paravu bem dize cu nós tudo aí moravo por aí né! Tudo! Ali na frente ali era a casa dos encarregado ali, por que a casa dos encarregado já tinha ali. (...) É. A do, dos encarregado já, perceria alguma de tijolo né, ai na frente, mas nosso, a nossa casa de, de operaria era tudo de madeira, (...) tudo ali, nesse ponto que ta li. Casa piquena...¹⁵

No relato da senhora Benta Réus Cardoso, que trabalhou como escolhedeira quando solteira, e seu marido era segundo ela “escriturário”, ou seja, trabalhava no escritório da mesma empresa citada acima, ela fala que:

Olha, que pra dize, como eu já te falei, os meus pais nunca moraram em vila, né, mas depois de casada, nós também não morava-mos em vila, em vila mesmo, assim junto com os, todos os operários, por que, administrado, a parte da administração, a,

¹³ Alcebíades Ilario Custódio, 73 anos. Entrevista realizada em 22 de janeiro de 2008.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Francisco Vidal, 88 anos. Entrevista realizada em 15 de janeiro de 2008.

escritório, tinham exceção, sempre tinham umas casinhas melhorzinha né, então era um pouquinho retirado, mas não deixava de se pertinho da vila!¹⁶

O senhor Ari Cabreira, que morou na mesma vila dos citados acima, diz:

(...) Se qualqué coisa que, se inguiçasse lá no oto dia também por nada eles chamavo atenção! Era assim na época. Que naquele tempo ali não tinha policiamento, como diz é, hoje né, aquele tempo tinha um quarterão, ali na mina, comandava, qualqué coisa ele, falava com quarterão, o quarterão vinha atende né! (...) Pa tudo, o povo era, controlado né! Tinha controle. (...) Era o mesmo engenheiro da mina quanto controlava o povo e o, quarterão! (...)¹⁷

Nota-se assim, todo o controle que as empresas detinham sobre os operários através da vila operária que pertencia à própria empresa, seja no paternalismo de Henrique Lage, seja nos exemplos citados acima.

Falando de um modo geral do cotidiano das vilas operárias, notamos ao analisar livros, entrevistas, enfim, documentos em geral, que a vida nas vilas operárias eram bem humildes, simples. Havia vilas com melhores estruturas, com escolas, clubes, um comércio um pouco maior, até cinemas, em muitos casos também pertencentes às próprias mineradoras. Havia vilas que já possuíam energia elétrica, fornecida pela própria empresa mineradora, como as vilas da Companhia Carbonífera Urussanga, e a vila da Mineração Geral do Brasil, e, que em ambas, verificamos através de entrevistas analisadas, que a energia funcionava somente até as dez horas da noite na vila. Conforme o senhor Ataidi B. Gislão: *“E a luis na, na operária, luis, como te falei! Que era só de noite, De noite assim, ele ligava as seis hora, o falecido Zé Tomé. Ligava, uma maquinazinha, a fo... a lenha! Então, quando era déis hora ele parava.”*¹⁸ No mais, “a maioria dos mineiros iluminavam suas casas com o gás do carbureto que usavam nas minas” (Filho, 2004, p.109)

As casas que geralmente possuíam umas quatro ou cinco peças, a sala de estar, dois ou três quartos, uma cozinha, abrigavam famílias geralmente com números de cinco a mais pessoas. Veja este trecho das palavras de Boa Nova:

Tivemos a oportunidade de visitar uma dessas casas em que o mineiro, casado, possuía 10 filhos, sendo que os quatro menores dormiam na mesma cama do casal (6 pessoas!) numa mesma cama. Outros dois filhos dormiam em esfarrapadas esteiras estendidas no chão junto à cama do casal. E os outros 4, de mais idade, se alojavam no outro quarto, também sôbre velhas esteiras estendidas no chão. E a cada quarto não tinha mais que 8 metros quadrados! (Boa Nova, 1953, p.67)

¹⁶ Benta Réus Cardoso, 73 anos. Entrevista realizada em 08 de abril de 2008.

¹⁷ Ari Cabreira, 74 anos. Entrevista realizada em 04 de abril de 2008.

¹⁸ Ataidi B. Gislão, 75 anos. Entrevista realizada em 28 de março de 2008.

Boa Nova, segundo Carola (Idem, p.103) estava “preocupado com a produtividade dos operários”, critica a falta de estrutura básica para a vida dos trabalhadores do carvão. Ele fala da falta de iluminação, no qual as pessoas usavam das mesmas lâmpadas a carbureto que utilizavam nas minas para iluminarem as casas, ou ainda pequenas lamparinas de querosene, “ambas provocando fumaça e cheiro desagradável” (Boa Nova, 1953, p.67).

Critica a precariedade dos alimentos preparados em “toscos fogões a lenha” (Idem, p.67). Fala do rudimentar mobiliário dos operários, “sendo raras as casas de mineiros que possuem mesas onde devam ser servidas as refeições. Cadeiras não as há também; quando muito um pequeno banco tosco confeccionado pelo próprio mineiro” (Idem, p.67-68). Critica o espaço das casas em contraste das grandes famílias que se amontoam nas pequenas casas das minas. Fala da escassez de agasalhos e roupas, afirmando que: “O desconforto no lar do trabalhador das minas de carvão de Criciúma é absoluto. O mineiro não tem o repouso merecido e vive num ambiente anti-higiênico em seu lar.” (Idem, p.68)

Outra preocupação de Boa Nova (1953) era com os vícios de muitos mineiros, tais como jogo de cartas, briga de galos, alcoolismo, a “vida boêmia” etc.

Em algumas vilas, as mulheres trabalhavam como escolhedeiras do carvão, geralmente as solteiras. Além dos serviços domésticos, muitas mulheres trabalhavam para fora, lavando roupas, vendendo doces e etc, tendo assim muitas vezes uma dupla jornada de trabalho. As crianças se misturavam nas ruas da vila que era junto à mineradora, brincavam, muitas estudavam, ajudavam seus pais nos afazeres domésticos e mesmo na escolha com suas mães. Segundo Carola (Idem, p.45): “O trabalho de homens e mulheres nas minas de carvão de Criciúma e região começava antes dos 14 anos de idade e, em muitos casos, antes dos 10.”

As parteiras tinham uma função importantíssima nas vilas, já que a assistência médica era precária. Havia muito a crença em benzeduras, curandeiros, rezadeiras, tudo isso fazia parte dos costumes das vilas operárias mineiras. Nas palavras de dona Lindoca:

Benzia de quebrante, aquele tempo dizia de olhado, outros diziam quebrante né. Mau olho, mais que eles benziam. Benzia dessas coisas assim. Se a criança tava triste, caída com febre “vamos leva pra benze”, levava assim e as criança melhoravam, não sei se era a fé, sei que melhoravam.¹⁹

Mas o médico Boa Nova (Idem) via isso com maus olhos, a chamava a isso de “charlatanismo”, chamava as parteiras de “curiosas”.

¹⁹ Lindoca, 91 anos. Entrevista realizada em 31 de novembro de 2000.

Consoante a Carola (Idem, p.148): “os banhos eram tomados em gamelas de madeira e mais tarde em banheiras de alumínio.” Havia as “patentes” separadas das casas, para as necessidades básicas, e os banhos eram tomados num quarto ou numa dispensa. Segundo Carola (Idem), era na hora do banho, em que as mulheres ajudavam os maridos a se lavarem, que muitas vezes aconteciam os relacionamentos sexuais, era o momento de maior privacidade para o casal.

Na maioria, as mulheres eram as responsáveis pelos mantimentos da casa, tais como lenha, para o fogão, água, que na maioria das vilas eram oferecidas em bicas que se encontravam espalhadas pela vila.

Nas festas, missas e no futebol eram onde aconteciam na maioria das vezes os namoros. Ressalto que havia divisões étnicas nas vilas. Os bailes eram divididos, quando não eram um dia para afro-descendentes e outros para brancos, era então dividido o salão com uma cerca ao meio. Namoro entre afros e brancos então, nem pensar.

Carola diz que:

Para a indignação da Igreja Católica, a maioria das famílias mineiras da região carbonífera de Santa Catarina não seguia seus ensinamentos. Separações, “abandonos”, infidelidades, casamento só depois do “fato consumado”, tudo isso fazia parte do cotidiano da classe trabalhadora do carvão. Casar-se com 13, 14 ou 15 anos era seguir a tradição de seus pais e avós. Aliás, não casavam, “fugiam”. (Idem, p.159)

É nesse contexto, no cotidiano, nas vivências do dia-a-dia, nas relações de convivência, na troca de conhecimentos práticos, no diálogo entre as pessoas, nos hábitos, no modo de vida, no interior das vilas operárias, que vai surgindo à classe operária mineira do sul de Santa Catarina, que forma-se essa classe mineira, tomando aqui o conceito de classe de Thompson, o qual diz:

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas. (Thompson, 1987, p.9)

Ainda segundo Thompson a classe operária é um processo dispare que se observa em diversos locais com características semelhantes, porém nunca totalmente iguais as já observadas (Idem, p. 10). A classe também é um agente de diferenciação entre os homens, como afirma o próprio Thompson:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado das experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe, é determinada em grande medida pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais.(Idem, p. 10).

Vemos então com clareza o choque que houvera entre interesses dos dirigentes das vilas operárias e seus subordinados, no que é concernente as ações de controle as quais eram submetidas os trabalhadores para o dito bem estar da ordem social. Este fenômeno que foi conhecido como paternalismo coloca a relação de exploração da força de trabalho em outra esfera, sendo um elemento alienante que ao confundir a figura do patrão com uma figura de agente moralizador da sociedade, tendo como aparato toda a estrutura social, a vila caracteriza-se então não mais somente como uma habitação, um complexo arquitetônico, mas e principalmente como um local de controle e manutenção do bom andamento da ordem social vigente. Onde o trabalhador é submetido a uma série de restrições e códigos de conduta que ao serem transmitidos sob o véu do assistencialismo torna os verdadeiros pretextos obscuros, fazendo-se crer que duas forças antagônicas, já classificadas por Thompson como classes continuassem em atrito sem que se houvesse um desgaste, principalmente no que se refere à imagem que o grande operariado tinha de seus dirigentes.

Na busca em que as mineradoras tinham em construir um complexo urbano que atraísse mão-de-obra e ao mesmo tempo se torna um ambiente onde seria possível exercer o controle sobre o cotidiano do operariado mineiro, modelou-se um ambiente aparentemente semelhante entre os trabalhadores do carvão de toda a região sul catarinense contribuindo assim para a formação da classe operária mineira.

REFERÊNCIAS:

BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar:** Vilas operárias na cidade de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1985.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos Subterrâneos da História:** as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). Florianópolis. Ed. da Ufsc, 2002.

FILHO, Alcides Goularti (org). **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina.** Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

MORAES, Marcos. **A atuação da Companhia Nacional de Mineração do Carvão Branco em Santa Catarina**: cotidiano, degradação, miséria e dominação. Mimi. 2008.

VIANA, Mônica Peixoto. **Habitação e modos de vida em vilas operárias**. Monografia final da Disc. Habitação, Metrópole, Modos de Vida. USP. 2004.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária Inglesa**. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Documentos e relatórios:

BOA NOVA JÚNIOR, Francisco de Paula. *Problemas médicos e sociais da indústria carbonífera sul catarinense*. Rio de Janeiro: DNPM/ Divisão de Fomento da Produção Mineral, Boletim 95, 1953.

BRASIL. Ministério da Agricultura. Relatório da Diretoria. Avelino Ignácio de Oliveira/ Boletim nº29, 1936.

Revista:

MINERAÇÃO E METALURGIA. *Situação actual da indústria carbonífera do Sul de Santa Catarina*, por Marcello Taylor Carneiro de Mendonça. Setembro-outubro, 1936.

_____. *Situação actual da indústria carbonífera do Sula da Santa Catarina: Município de Urussanga*, por Marcello Taylor Carneiro de Mendonça. Novembro-dezembro, 1936.

Entrevistas:

Alcebíades Ilario Custódio, 73 anos. Entrevista realizada em 22 de janeiro de 2008.

Ari Cabreira, 74 anos. Entrevista realizada em 04 de abril de 2008.

Ataidi B. Gislão, 75 anos. Entrevista realizada em 28 de março de 2008.

Benta Réus Cardoso, 73 anos. Entrevista realizada em 08 de abril de 2008.

Elisa Pacheco, 81 anos. Entrevista realizada por Carlos Renato Carola, Alcides Goularte, Roseli Bernardo e Giovana de Bem Ferreira em 06 de setembro de 2000.

Francisco Vidal, 88 anos. Entrevista realizada em 15 de janeiro de 2008.

Lindoca, 91 anos. Entrevista realizada por Alcides Goularti Filho, Marli de Oliveira Costa, Ângela Maria do Livramento, Giovana de Bem Ferreira e Roseli Bernardo em 31 de novembro de 2000.

Otília Citadin, 89 anos. Entrevista realizada por Carlos Renato Carola, Alcides Goulart Filho, Roseli T. Bernardo, Giovana de Bem Ferreira e Angela do Livramento em 24 de outubro de 2000.